

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/282610841>

Virtualidades das atividades outdoor learning: uma intervenção pedagógico-didática no ensino primário. II

Conference Paper · October 2014

CITATIONS

0

READS

36

4 authors, including:



Carlos Reis

University of Coimbra

29 PUBLICATIONS 6 CITATIONS

SEE PROFILE



Reis Rui

University of Minho

21 PUBLICATIONS 14 CITATIONS

SEE PROFILE



M. Ferreira

Technical University of Lisbon

135 PUBLICATIONS 888 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Snake Bite Antivenom [View project](#)



Projeto de Doutoramento na Universidade Federal de Viçosa - MG (2005) [View project](#)

Pedro Membiela · Natalia Casado · M.^a Isabel Cebreiros

— EDITORES —

**PRESENTE Y FUTURO DE LA
PRESENTE E FUTURO DO
ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS
ENSINO DAS CIENCIAS**



EE EDUCACIÓN
EDITORIAL

SEPARATA

68. Virtualidades das atividades *outdoor learning*: uma intervenção pedagógico-didática no ensino primário

Carlos Reis¹, Maria Luís Conceição² e Maria Eduarda Ferreira³

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

¹creis@ipg.pt, ²maria_luis_18@hotmail.com, ³eroque@ipg.pt

Resumo

A intervenção que se descreve refere-se a uma proposta de prática docente, diretamente relacionada com os programas das áreas disciplinares do ensino primário em contexto de processo da prática de ensino supervisionada. Foi realizada numa escola primária da cidade da Guarda, com uma turma (n=25) de 4.º ano de escolaridade. Desenvolvemos com estes alunos uma atividade de *outdoor learning* a que intitulamos “Caminhada pela Natureza”. O desenvolvimento da atividade ocorreu através de uma saída de estudo a uma zona rural próxima da escola.

Palavras chave

Outdoor learning, ensino primário, prática de ensino supervisionada.

Introdução

No passado, nas sociedades ocidentais, as crianças brincavam essencialmente ao ar livre, explorando o meio em que viviam. Eram comportamentos enraizados nas populações, especialmente aos dos meios rurais e do interior do país. Nos nossos dias, este estilo de vida quase se extinguiu, o dia-a-dia das crianças tornou-se mais sedentário, decorrendo mais intramuros domésticos, em parte, segundo Reis (2008) devido ao enorme consumo de meios eletrónicos: nomeadamente de televisão, jogos para consolas, computadores e internet. Porém a formação da criança deverá, sempre que possível, integrar os saberes na descoberta do meio natural a que os educandos pertencem. Ora *outdoor learning* (OL), pode ser para muitas crianças a única forma de ter contacto com espaços abertos (naturais, rurais e urbanos), permitindo-lhes desfrutar de um laboratório natural.

A Lei de Bases do Sistema Educativo português, no seu artigo 7.º, alínea b) refere que um dos objetivos da Educação Básica é “Assegurar que nesta formação

sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano”, e acrescenta na alínea g) que lhe compete “Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas”. Em grande medida estes designios só podem concretizar-se se a criança tiver oportunidade de interagir com os contextos *outdoor* (naturais ou humanizados) da sua cidade ou aldeia.

Enquadramento teórico

É uma ilusão histórica acreditar que a aprendizagem necessita um espaço, uma localização específica e uma certa ocasião (Dahlgren e Szczepanski, 1998). Embora a conceção estática e fechada do contexto de ensino seja a mais generalizada, a verdade é que existem exemplos muito antigos de práticas diferentes. Na Grécia Antiga, Aristóteles fundou um Liceu em que o ensino decorria durante passeios ao longo de bonitos jardins (Kernan, 2007). Jordet define o OL dizendo que: “is a working method where parts of the everyday life in school are moved out of the classroom – into the local environment. Outdoor schooling implies regular activities outside the classroom. The working method gives the pupils the opportunity to use their bodies and senses in learning activities in the real world in order to obtain personal and concrete experiences. Outdoor schooling allows room for academic activities, communication, social interaction, experience, spontaneity, play, curiosity and fantasy. Outdoor schooling is about activating all the school subjects in an integrated training where activities out-of-doors and indoors are closely linked together” (2008, 1).

Existe uma enorme variedade de contextos a explorar através das atividades de OL: as ruas, praças e edifícios comerciais e culturais das vilas e cidades, os parques locais e nacionais, os edifícios históricos, experiências em residências e viagens a outros países. Qualquer uma destes contextos apresenta oportunidades que permitem à criança explorar diversas possibilidades e partilhar as suas experiências (Outdoor Learning, s. d.). As atividades de OL são aplicáveis ao desenvolvimento de todas as áreas do currículo, mas decidimos apenas evidenciar nesta intervenção os casos da língua materna, da matemática, da ciência e da tecnologia.

A respeito da língua materna, nas atividades de OL, as crianças podem escolher diversos autores que referem a natureza ou experiências ao ar livre na sua escrita, o que fomentará o desenvolvimento significativo das capacidades de leitura, escrita e o vocabulário. Para estas atividades, as crianças podem utilizar diferentes tipos de textos, incluindo itinerários, mapas, instruções e horários. Em relação à compreensão matemática, as crianças necessitam estar ligadas a contextos significativos nos quais os conceitos da matemática abstrata possam ser aplicados em situações da vida real (Outdoor Learning, s.d.). Por seu lado, as ciências ensinam e estimulam a ter cuidado com o uso de recursos e o seu impacto no meio ambiente local e mundial. Este espírito ecológico deve ser transmitido às crianças, propiciando-lhes a interação com o ambiente num um clima seguro e respeitoso.

O uso das novas tecnologias é hoje muito recomendado para a realização de atividades de OL, pois permitem aproximar as crianças de diferentes tipos de materiais, ligando-as, em alguns casos, ao mundo virtual. Entre os materiais mediatizados destacam-se os mapas, as fotografias, os vídeos e as gravações de sons (Curriculum For Excellence through Outdoor Learning, 2010).

O desenvolvimento físico e emocional de cada criança pode ser potenciado através do OL. De facto, Louv (2009, p. 100) verificou que a falta de oportunidades pode resultar na “nature deficit disorder”. Cabe, pois, ao professor “organizar contextos de aprendizagem exigentes e estimulantes, isto é ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes saudáveis e o desabrochar das capacidades de cada um com vista ao desenvolvimento das competências que permitam aos educandos viver em sociedade, ou seja, nela conviver e intervir em interação com os outros cidadãos” (Alarcão 2001, p. 11). De acordo com Dillon *et al.* (2005) os benefícios das atividades de OL não são apenas para o, alunos; melhora a relação entre estes e o professor e promove-se o ensino obtendo-se benefícios para o desenvolvimento curricular.

Antes de iniciar qualquer atividade de OL o professor deve refletir sobre os seguintes aspetos (Curriculum For Excellence through Outdoor Learning, 2010): i. Quais as experiências proveitosas que podem ser organizadas *outdoor*?; ii. De que forma o OL melhora e aprofunda as áreas curriculares?; iii. Quais as melhores experiências para combinar a aprendizagem dentro e fora da sala de aula?; iv. Como consolidar as aprendizagens recebidas dentro da sala de aula no espaço *outdoor*? Mas o apoio e contribuição dos encarregados de educação são igualmente importantes nas atividades de *outdoor learning*. Uma boa comunicação é crucial pois estes apreciam e percebem o valor destas aprendizagens, assegurando que as crianças estejam preparadas em termos de vestuário e alimentação (Curriculum For Excellence through Outdoor Learning, 2010). Foi partindo deste conjunto de premissas que esta intervenção se estruturou e se aplicou à turma do último ano de escolaridade do ensino primário.

Problemáticas e objetivos do estudo

Para compreendermos as virtudes do *outdoor learning* colocámo-nos algumas questões essenciais, a que procuramos responder ao longo desta intervenção: i. Quais os objetivos do OL?; ii. Em que locais se podem realizar atividades de OL?; iii. Quais os benefícios das atividades de OL?; iv. Qual é o papel do professor e dos encarregados de educação nas atividades de OL? Neste contexto definiram-se os seguintes objetivos: (a) Construir um guião de OL com vista à descoberta da paisagem natural e rural da região, numa perspetiva de interdisciplinaridade; (b) Promover atividade física através de uma caminhada segundo um guião construído com vista à descoberta da paisagem natural e rural da região; (c) Constatar o contributo das ciências naturais para atividades de OL programadas numa perspetiva de interdisciplinaridade.

Desenvolvimento da atividade de *outdoor learning*- “Caminhada pela Natureza”

A intervenção pedagógica interdisciplinar foi desenvolvida numa turma do 4º ano de escolaridade de uma escola do ensino primário, situada na cidade da Guarda. A turma era constituída por 25 alunos, 14 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos. Foi adotada uma abordagem de investigação-ação (Latorre, 2004). Foi dedicado um dia, num total de 6 horas de intervenção.

A turma de 4º ano partiu da escola primária, num autocarro municipal, às 9h até à aldeia de Vila Viçosa (distância=10 km) à descoberta da fauna e flora daquela zona rural do vale do rio Mondego. Regressou à sala de aula às 13h. Cada grupo de crianças (n=5) escolheu um chefe e um secretário. Junto às margens do rio foram distribuídos os guiões, com um conjunto de mensagens às quais, cada grupo tinha que responder ao longo da caminhada de 3 km. Exemplifica-se uma dessas mensagens constantes no guião: “Sigam a Calçada Romana até encontrarem um sobreiro. Escrevam três exemplos da utilização do material fornecido pelo sobreiro”. Ainda em grande grupo analisámos o mapa/itinerário e foram explicadas e relembradas algumas regras e cuidados a ter, como por exemplo: respeitar cada elemento do grupo, respeitar a natureza e ter em atenção o lixo do lanche.

No período da tarde, foi feita a discussão, em grande grupo, das respostas às mensagens do guião. Constatamos que das respostas às 20 mensagens: 80 % estavam corretas, 15 % incompletas e só 5 % incorretas. Toda a turma revelava grande entusiasmo e alegria pela atividade OL, pedindo para terem mais aulas assim.

Conclusões

A atividade de OL desenvolvida revelou-se uma estratégia adequada, já que as crianças aprenderam de uma forma mais informal e direta, fora da sala de aula e libertas da pressão associada a este contexto. Como refere Montessori “quando a criança sai para o exterior, é precisamente o Mundo, na sua realidade, que se oferece aos seus olhos. Em lugar de se fabricarem objetos que representam ideias, e de os fecharmos num armário, façamos sair a criança, mostrando-lhe as coisas na sua autenticidade” (s. d., p. 24). Segundo Pereira (2006) “colocar as crianças em situações de terem de agir cooperativamente é lançar as bases para a sua melhor inserção na sociedade futura” (p. 62). A atividade foi avaliada de forma direta através do comportamento, participação, empenho, autonomia, atenção e interesse; e de forma indireta através de fotografias e registo das respostas às mensagens. Em grande grupo os alunos expressaram o seu pensamento crítico avaliando a atividade e pedindo para realizarmos outras, pois gostaram de explorar a natureza.

Referências

- Alarcão, I. (2001). *Escola Reflexiva. Nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Curriculum For Excellence Through Outdoor Learning* (2010). Consultado em 20 de maio de 2013, http://www.educationscotland.gov.uk/images/cfeoutdoorlearningfinal_tcm4-596061.pdf.
- Dahlgren, L. e Szczepanski, A. (1998). *Outdoor education – Literary education and sensory experience. An attempt at defining the identity of outdoor education*. Kinda: Linköping University, Kinda Education Centre.
- Dillon, J., Morris, M., O'Donnell, L., Reid, A., Rickinson, M. e Scott, W. (2005). *Engaging and Learning with the Outdoors: The Final Report of the Outdoor Classroom in a Rural Context Action Research Project, Reading, NFER*. Consultado em 15 de abril de 2013, www.bath.ac.uk/cree/resources/OCR.pdf.
- Jordet, A. (2008). Outdoor schooling in Norway – research and experiences. Conference proceedings, Healthier, Wiser and Happier Children. Outdoor Education – learning with mind, heart and body. Conferência na Branbjerger University College, Jelling.
- Kernan, M. (2007). *Play as a context for Early Learning and Development*. Consultado em 20 de abril de 2013, http://www.ncca.ie/en/Curriculum_and_Assessment/Early_Childhood_and_Primary_Education/Early_Childhood_Education/How_Aistear_was_developed/Research_Papers/Play_paper.pdf.
- Latorre, A. (2004). *La investigación-acción. Conocer y cambiar la práctica educativa*. Barcelona: Editorial Graó.
- Louv, R. (2009). *Last Child in the Woods: Saving our Children from Nature-Deficit Disorder*. London: Atlantic Books.
- M. E. (s. d.). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Ministério da Educação.
- Montessori, M. (s. d.). *Da infância à adolescência*. Queluz de Baixo: Portugalia Editora.
- Outdoor Learning - Practical guidance, ideas and support for teachers and practitioners in Scotland*. (s. d.). Consultado em 19 de abril de 2013, http://www.educationscotland.gov.uk/Images/OutdoorLearningSupport_tcm4-675958.pdf.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a Ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reis, C. F. S. (2008). A educação da “Geração M”. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 42 (3), 121-138.

ISBN 978-84-15524-26-7

